

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ESTUDOS SOBRE O TURF.

QUEIRÓS, José Martins de

Ano: 1888 | Número: 5

Como citar este documento:

QUEIRÓS, José Martins de, Estudos sobre o turf. *Revista de Guimarães*, 5 (4) Out.-Dez. 1888, p. 164-179.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

ESTUDOS SOBRE O *TURF*

(Continuação da Segunda parte, vol. iv, pag. 76)

Tendo dito o que se nos offereceu ácerca da maneira de montar e conduzir um cavallo sobre as pistas rasas, passemos a vêr como se deverá proceder com os animaes destinados a lutar nas corridas de obstaculos.

Fazem parte d'esta categoria o *hurdle-race*, o *steeple-chase* e suas variantes, taes como o *across-country* e *raile-paper*, as caçadas a cavallo e hem assim o *drag*, que não é mais do que um simulacro d'este ultimo e agradável passatempo.

O *hurdle-race*, ou corrida de obstaculos artificiaes, ordinariamente sebes como o seu nome indica, é de todas as luctas hippicas, que na actualidade se disputam nos hippodromos, a menos interessante e talvez a mais perigosa tanto para os cavallos como para os cavalleiros, desde que degenera, como quasi sempre acontece, n'uma corrida de velocidade.

Quando os saltos eram em maior numero, mais proximos uns dos outros e mais dificeis de vencer, ainda o *hurdle-race* poderia attrahir as sympathias de um grande numero de pessoas. Não podendo então os *jockeys*, em razão da proximidade e uma tal ou qual difficuldade dos obstaculos, dar toda a força aos seus cavallos, nem sendo admittidos a correr senão os bons saltadores, não se registravam desgraças de gravidade, ao passo que se assistia a um espectáculo, que pelo menos tinha a feição de um agradável passatempo.

Mas desde que estas luctas começaram a ser disputadas por qualquer cavallo, do mais ordinario ao melhor saltador, desde que por isso mesmo se reconheceu a necessidade de simplificar os obstaculos, que qualquer pileca pôde transpôr, desde que, finalmente, se pretendeu fazer de uma corrida de saltos uma corrida de velocidade, o *hurdle-race* começou a perder aquella sua grande feição que o tornava recommendavel.

Effectivamente logo que os saltos foram reduzidos á sua mais simples expressão, pois que além de poucos, e não se collocam mais de cinco ou seis para uma extensão de 2:000 metros, são de ramagem solta, tão baixos e tão pouco solidos que cahem ao mais pequeno encontrão — condições que, para assim dizer, tornam a pista rasa e sem estorvo que possa conter os *jockeys* em respeito — esta especie de corridas converteu-se em luctas de vertiginosa rapidez, tanto mais arriscadas, menos uteis e interessantes, quanto maior é a impetuosidade com que os pobres cavallos são forçados a correr.

São arriscadas, por isso que não tendo os cavallos, pela demasiada velocidade a que os forçam, o tempo necessario para verem e avaliarem a difficuldade dos obstaculos, não podem concentrar as suas forças nem formar os saltos com tal cautela e segurança, que lhes não succeda rolarem a cada passo sobre o corpo dos seus audaciosos mas desventurados cavalleiros.

Não são uteis nem tão pouco interessantes, porque não é ao cavallo forte, energico, bem constituido e que *salva* limpamente os obstaculos que os premios se conferem, mas sim áquelle que primeiro chega á meta — embora não tenha dado o mais pequeno salto!

Quando realmente se attendia á boa execução dos saltos — verdadeiro caracteristico d'esta especie de corridas — eram desqualificados aquelles animaes que, correndo estouvadamente, lançavam por terra alguns dos obstaculos. N'estas circunstancias, a victoria redundava sempre, como não podia deixar de ser, em favor d'aquelle cavallo, que em virtude da sua educação e energia não falhava a um unico salto, e era o primeiro a tocar a meta.

Hoje que uma nova praxe proclama vencedor o animal mais veloz, por isso que no meio de uns poucos de corredores que vão sobre um obstaculo e o deitam por terra se não pôde reconhecer qual d'elles foi o culpado ou qual o que saltou melhor, não ha cavallos distanciados simplesmente pelo facto de romperem ou derrubarem os obstaculos, e muito menos por

passarem a galope sobre aquelles que os seus competidores já tiverem deitado a terra.

De fôrma que, não sendo essencial para o vencimento de um *hurdle-race* que um cavallo execute bem os saltos, mas simplesmente que percorra a pista de um extremo ao outro mais depressa que os seus competidores, claro está que o animal que peor saltar, porque os bons saltos fazem perder tempo e terreno, mas que melhor correr e que melhor romper os obstaculos, levando tudo adiante de si, é aquelle que em melhores condições se acha de ganhar estas corridas. D'aqui um curioso paradoxo: N'um *hurdle-race*, que nem mais nem menos é uma corrida de saltos, o cavallo que não salte ou que salte peor que os seus competidores é aquelle que mais probabilidades deve ter de sahir vencedor!

Ora, francamente: uma corrida que se apresenta n'estas condições poderá dar resultados praticos que se vejam? poderá grangear a mais pequena sympathia?

Pela nossa parte pronunciamos-nos desde já pela negativa, por isso que vemos ordinariamente preferir um animal, que transpõe com certa arte e energia tudo quanto encontra na passagem, por aquelle que se atira sobre os obstaculos, por cima e através dos quaes pôde passar sem quebrar o andamento do galope; que derruba e leva tudo adiante de si, e que por isso mesmo, quando não vai de ventas a terra, menos tempo gasta em chegar á meta. Além de que não será mais agradável vêr montar um cavallo segundo as regras e sem os perigos que resultam de um tal modo de correr?

Quanto a nós, se alguma outra corrida de obstaculos podia e com vantagem a todos os respeitos substituir o *hurdle-race* era certamente aquella, que, ainda hoje, sob a impropria denominação de *steeple-chase* se effectua nos hippodromos.

O verdadeiro *steeple-chase*, ou corrida ao campanario para fallar portuguezmente, sendo para assim dizer disputado a direito e por terrenos mais ou menos accidentados, difficeis e cortados de obstaculos de toda a natureza, que os cavalleiros passam como podem em direcção á grimpá d'uma terra, que lhes serve de meta e de motivo para tão pittoresca denominação, nunca pôde ter logar dentro dos hippodromos. É por isso que não nos conformamos muito que as palavras inglezas — *steeple* que significa torre e *chase* que quer dizer caçada — o que nos dá uma caçada ou corrida ao campanario, sejam indistinctamente applicadas a duas luctas que tanto differem entre si.

Mas, pondo de parte a catureira, quer-nos parecer que só o tal chamado *steeple-chase* dos hippodromos podia evitar todos aquelles inconvenientes a que dá logar o *hurdle-race*. E pensamos d'este modo por isso que, devendo a pista d'esta especie de corridas ser cortada de diferentes obstaculos como vallas, canaes, muros de pedra, paliçadas, etc., que sempre offerecem mais alguma difficuldade e resistencia que as simples barreiras de ramagem, só os bons saltadores se atreveriam a entrar na liça, porquanto os mediocres e ordinarios, sem forças e sem meios para transporem os obstaculos, desistiram inteiramente de bater-se.

Pistos fóra do combate estes cavallos, que nunca podem ser bons reproductores, mas que são sempre os que mais desgraças causam pela pouca firmeza com que saltam, e augmentada a difficuldade e o numero dos obstaculos até uma certa medida, compativel todavia com as forças dos animaes, o que obrigaria os *jockeys* a montar com arte e com prudencia, nenhuma duvida nos restaria de que estas corridas dessem os mais satisfatorios resultados.

Mas, ou porque as tendencias da época sejam em favor da grande velocidade, ou porque o apuramento das raças possantes e vigorosas apropriadas aos serviços da sella e de linha — fim para que as corridas de obstaculos foram primitivamente instituidas — seja aquillo de que menos se cuida sobre o *turf*, o que é certo é que todas as luctas d'esta especie, que se effectuam nos hippodromos, são tão vertiginosamente disputadas, que os seus resultados são negativos como melhoramento das raças cavallares e positivos de mais, para arruinar cavallos e cavalleiros.

Debaixo d'este ultimo ponto de vista não sabemos bem ao certo a qual dar a primazia, se ao *hurdle-race* se ao *steeple-chase*, porquanto qualquer d'estas luctas é uma verdadeira fabrica de partir costellas!

No estrangeiro, mas principalmente em França e Inglaterra, ainda existem hippodromos de feição para as duas corridas de que nos vimos occupando. Mas apesar de bem cuidados e das boas condições das suas pistas, o que em certo modo diminue ou faz attenuar os accidentes, nem por isso deixam de ser theatro de deploraveis acontecimentos que annualmente enlutam um bom numero de familias.

Não vai ainda ha muito que em Marselha, n'um *hurdle-race* para militares, morreram instantaneamente dois gentis cavalleiros, que, ao saltarem juntos e a toda a brida uma bar-

reira, foram esmagados sob o peso dos seus proprios cavallos!

N'um *steeple-chase* da Croix de Berny, França, conta o bem conhecido *sportsman*, Mr. Marin, que um *jockey* bastante apreciado tal velocidade communicou ao seu cavallo ao abordar uma *banqueta* (muralha de terra), que não podendo o animal decompôr o salto em dois tempos, como em tal caso é costume, imitando assim a maneira por que os cães saltam as paredes, *salvou* de uma só vez o obstaculo e com tanta infelicidade cahiu sobre o seu cavalleiro, que ambos morreram de repente.

N'um outro *steeple-chase*, realizado ha pouco mais de um anno em Brighthon, Inglaterra, morreram nada menos que tres cavallos, ficando gravemente feridos os tres *jockeys* que os montavam.

Como estes muitissimos exemplos poderíamos apresentar, se os julgassemos necessarios para fazer compenetrar os cavalleiros, que costumam tomar parte nas corridas de obstaculos, de que toda a cautela é pouca e que a temeridade desmarcada paga-se muitas vezes com a vida.

Felizmente que entre nós não ha a lamentar os tristes acontecimentos que as chronicas estrangeiras nos referem todos os dias. Verdade é que para áquem dos Pyrenéos, a não ser a de Gibraltar, não ha, que saibamos, nem uma só arena exclusiva d'estas luctas; porque do contrario não seríamos nós os privilegiados e um ou outro *jockey* appareceria mutilado e em estado de não poder continuar a exercer a sua profissão.

Se é certo que as sociedades hipicas da Peninsula dão de quando em quando as suas corridinhas de obstaculos, como *fecha* dos seus *meetings* planos, é mais por mero divertimento e para quebrar um pouco de monotonia que os não apaixonados encontram no *turf*, quando não tem o seu lado comico, e, finalmente, para proporcionar aos *gentlemen-riders* uma bella occasião de se mostrarem e de mostrarem, tambem, que as suas costellas não estão inteiramente no seguro. Como é sabido, na Peninsula, são de ordinario os *gentlemen-riders* que disputam esta especie de corridas.

Pelo que respeita ao verdadeiro *steeple-chase*, que, como já vimos, é uma corrida em que os cavalleiros mettem por montes e valles com o fito n'um qualquer edificio elevado, ordinariamente uma torre, *steeple*, que se avista a alguns kilometros do ponto de partida e que lhes serve de meta, pôde dizer-se que está completamente abandonado, não obstante ser

ainda hoje considerado como o *typo* por excellencia das corridas de obstaculos.

Se estas luctas foram effectivamente postas de parte por darem logar a quedas graves, e por proporcionarem aos *jockeys* pouco dignos mil occasiões de fazerem perder de proposito os seus cavallos, dando logar a realisarem-se apostas fraudulentas, muito *em moda* sobre o *turf*, não é menos certo que desde que se pretendeu civilisal-as, trazendo-as para terrenos artificialmente preparados, nem por isso diminuiram os desastres, nem tão pouco os abusos deixaram de repetir-se.

Quem se der ao trabalho de examinar os annaes do *turf* desde que estas luctas foram instituidas com o fim, como atraz se disse, de regenerar as raças cavallares apropriadas aos diferentes serviços de sella, que o excesso dos *handicaps* e das corridas curtas ia fazendo enfraquecer, convencer-se-ha que tal genero de *sport* não é ainda assim aquelle que mais prejudicial tem sido á humanidade.

Pela nossa parte, e fundados na propria experiencia, somos de parecer que o *steeple-chase*, quando é disputado com prudencia e por terrenos que não offerecem grandes difficuldades, não dá logar a desastres de maior, ao passo que é bem mais recreativo que todas essas luctas que se effectuam nos hippodromos.

A variedade da paizagem, a pureza do ar que se respira sobre o dorso d'um bom *hunter* ao atravessar os campos e collinas, as peripecias que acompanham sempre este genero de *sport*, contrastando com a dura monotonia das luctas do hippodromo, onde até a propria atmospheria parece affectada de *spleen*, concorrem grandemente para animar os cavallos e deleitar os cavalleiros. Por seu lado a difficuldade e o imprevisto dos obstaculos com que se não póde contar, sendo d'um grande estorvo para o desenvolvimento da velocidade, são por isso mesmo a melhor salvaguarda dos homens e dos animaes.

Ha ainda uma circumstancia que póde e deve mesmo concorrer para que as corridas ao campanario percam um pouco da sua difficuldade. Como apenas ha dois pontos forçados para todos os corredores — o da partida e o da chegada — e não tendo a recta imaginaria que os liga o mais pequeno signal, que indique aos cavalleiros o caminho a seguir, cada qual póde correr por onde lhe aprouver, comtanto que se não aproveite das estradas — o que é expressamente prohibido. Ora se um cavalleiro tem a presença de espirito necessaria para mon-

tar o seu cavallo de modo que n'um dado momento, e segundo a natureza do terreno, possa avivar ou diminuir o andamento, possa parar, mudar de direcção, tornear, finalmente, um precipicio, facil lhe será evitar uns tantos perigos a que se expõem aquelles que, a torto e a direito se atiram a toda a desfilada para a meta.

Portanto quer-nos parecer que se uma melhor organização, tendente a reprimir os abusos e a evitar quanto possível os desastres, fosse dada a estas luctas, nenhuma outra concorreriam mais effizamente para o apuramento do cavallo de sella, bem como para desenvolver o gosto pela equitação em que ellas seriam a melhor escola pratica de formar arrojadissimos cavalleiros.

O que deixamos dito pôde por igual applicar-se ao *across-country* e ao *rale-paper*, que, sendo as duas principaes variantes do *steeple-chase*, simplesmente se distinguem entre si pela marcação das suas pistas.

No *across-country* são os postes embandeirados e dispostos n'uma só linha que marcam o terreno da corrida, devendo todos os cavalleiros, e segundo o convencionarem, seguir á direita ou esquerda das bandeiras, sendo desqualificados aquelles que fizerem o contrario, isto é, que correrem pela direita em vez de correrem pela esquerda, e vice-versa.

Em compensação não se julgam distanciados aquelles que, correndo por mais largo, se afastarem mais ou menos das balisas contanto que não deixem de passar pelos pontos marcados com dois postes e pelo meio d'estes. Este signal em duplicado é sempre um indicio das passagens forçadas e dos saltos perigosos.

No *rale-paper*, ou caçada ao papel, são uns papelinhos espalhados pelo chão que, fazendo as vezes de balisas, indicam aos saltadores o caminho a percorrer. Este rastro ficticio que os cavalleiros devem seguir, como se corressem atraz d'uma lebre ou d'um veado, é marcado por um *sportman* que antes da corrida vai deitando de distancia em distancia bocadinhos de papel, de modo a formar a pista para tão agradável passatempo.

Se bem que estas luctas não offereçam as mesmas difficuldades que o *steeple-chase* normal, e para isso basta ser o terreno marcado em toda a sua extensão e com signaes especiaes nos pontos mais arriscados, podendo ainda, para maior segurança dos interessados, ser estudado e percorrido a pé porque d'outra sorte é prohibido, ainda assim demandam que

os cavalleiros que n'ellas tomam parte montem os seus cavallos com a maxima circumspeção.

Mais vale correr no encalço d'um pelotão de saltadores, que desenvolvam ousada e precipitadamente o seu galope, do que tomar-lhe cedo a dianteira. Quem desde o principio d'uma corrida faz dar ao seu cavallo tudo quanto pôde sujeita-se não só a perder a pista, especialmente n'um *race-paper*, cuja marcação se não pôde vêr a distancia em razão dos papeis serem espalhados pelo chão, mas a fatigar inutilmente o animal que a breve espaço deixará de transpôr o mais pequeno obstaculo. Quem segue um grupo de corredores tem, além de tudo, a vantagem de vêr e observar o que se passa adiante de si, podendo na maior parte dos casos aproveitar-se das peripecias que, frequentes n'estas luctas, são muitas vezes causa de ficarem para traz os mais ousados cavalleiros.

Qualquer d'estas duas variantes do *steeple-chase*, se acaso assim as podemos denominar, comquanto não sejam uma novidade palpitante nos paizes estrangeiros, não vai comtudo ha muito que d'ellas temos conhecimento. O *race-paper*, por exemplo, foi pela primeira vez disputado entre nós haverá cerca de tres annos. Foi em Cintra e por iniciativa d'uma das mais distinctas e gentis cavalleiras portuguezas, a senhora duqueza de Palmella, que os nossos *sportsmen* levaram a effeito o primeiro *race-paper*. Esta festa, para que s. exc.^a offereceu como premio um valioso objecto d'arte, foi devéras attrahente correndo a presencial-a tudo quanto ha de mais selecto no paiz.

Que a senhora duqueza nos releve apresentar-lhe aqui, e em tão singelas phrases, a homenagem que lhe é devida pelo muito que s. exc.^a tem concorrido para o engrandecimento do *turf* em Portugal.

*
* *

Tendo nós dito que é de gravissimo risco atirar os cavallos a todo o escape por terrenos cortados de obstaculos, sobretudo quando estes são em altura, porquanto as vallias e os canaes demandam effectivamente uma certa velocidade, e tanto maior quanto mais largura tiverem, não podemos deixar de insistir n'este nosso modo de pensar, desde o momento que se

trata das caçadas a cavallo sobre que vamos dizer duas palavras.

Nos paizes em que ha grandes tractos de terreno plano e desarborisado, e em que a propriedade por demasiado agglomerada não precisa ser protegida por vedações elevadas, facilmente se concebe que a velocidade seja a principal condição para que um cavallo possa sahir vencedor, ou pelo menos não fazer má figura no meio d'aquelles que seguem uma matilha ou disputam a meta de qualquer corrida em pleno campo.

Mas desde que o paiz é montanhoso e arborisado, e que a propriedade se acha dividida como succede na provincia do Minho, onde todos os campos e outeiros são emparedados ou resguardados por vallados ou silvados, a velocidade, de primeira qualidade que é para um cavallo de corridas planas, passa a ser a ultima para o animal, que tem de correr por terrenos em que se não pôde caçar a descoberto.

Sem discordarmos que é arriscado atirar um cavallo a toda a força das suas pernas e pulmões sobre o rastro de uma qualquer peça de caça, que por instincto procura sempre fugir aos seus perseguidores pelas veredas mais embrenhadas, precisamos dizer que o melhor systema de correr à *travers-champs* consiste em apropriar, não só o andamento, mas o proprio animal ás condições e natureza do terreno a percorrer.

Na Escocia, Irlanda e Inglaterra, por exemplo, paizes classicos das caçadas a cavallo e de tudo quanto é *sport*, o systema de caçar varia segundo as localidades. Assim é que nos condados em que ha planicies sem arvoredo, e simplesmente cortadas por vallas, canaes e riachos, nenhum *sportsman* deixa de seguir a caça a toda a brida. Nos condados em que se não pôde caçar a descoberto em consequencia das paredes, paliçadas, resaltos de terreno, banquetas, silvados, sebes vivas e entrelaçadas, etc., todos os cavalleiros são forçados a conter os seus cavallos, porque do contrario correriam o risco de cahir a cada passo.

Se em Portugal houvesse caça grossa ou gosto pelos exercicios venatorios tambem não deveria ser outro o nosso modo de caçar. Assim nas provincias do Alemtejo e Ribatejo poderiamos effectivamente largar um cavallo á mão baixa, mas outro tanto não nos aconteceria nas provincias do norte, porque a sua accidentação, paredes, silvados e todas as outras vedações que dividem e subdividem os terrenos, não dariam logar a carregar-se a caça a mais de meio galope.

De modo que, não só na Inglaterra, como entre nós e em toda a parte em que a caça ou outro qualquer motivo levam o *sportsman* a metter a galope por terrenos accidentados e difíceis, o systema de correr a cavallo é e deve ser differente d'aquelle que se emprega em campo raso.

E se o instincto de conservação e o proprio sólo só de per si vão indicando aos cavalleiros a maneira de dirigir os seus cavallos, é certo que de um prévio conhecimento da localidade e da escolha apropriada dos animaes depende em grande parte o bom resultado da corrida.

Um *sportsman* pôde ser um excellente cavalleiro, entretanto, se não tiver debaixo de si um cavallo que o despique, fará na maior parte dos casos um fiasco completo. É por isso que para se correr nas planicies deverão escolher-se de preferencia os animaes novos e de puro sangue, que são sempre os mais velozes, e para os logares accidentados e em que houver saltos em altura aquelles que primem mais pela força, flexibilidade e *fundo*, do que pela rapidez dos movimentos.

Os cavallos que melhor conta poderão dar de si sobre estes ultimos terrenos são os de meio sangue, tres quartos e sete oitavos, pois que, ao passo que tem a sufficiente rapidez, são mais fortes, mais seguros, mais aturadores e mais faceis de governar. Os cavallos de puro sangue galopam mais velozmente, é certo, mas por isso mesmo e pela rigidez da fibra muscular, que os torna nervosos e mais resistentes ás *ajudas*, vão melhor em campo raso e a direito.

O verdadeiro typo do cavallo de caça é o *hunter* irlandez procedente dos condados em que os obstaculos de toda a especie e natureza apparecem em grande numero. São pela maior parte de tres quartos ou sete oitavos de sangue e todo o mundo os conhece, ainda que não seja senão de nome. Estes cavallos têm uma extrema facilidade em transpôr as paredes e *banquetas* sobre que se atiram a pés juntos, como fazem os cães, saltando em seguida e sem perderem um só momento para o outro lado.

A denominação de *hunter*, segundo a opinião das pessoas que sobre estes assumptos tem a competente auctoridade, pôde ser applicavel a todo o cavallo, cujas superiores qualidades o tornam apto para arrostar e vencer, com um cavalleiro pesado, todas as difficuldades que se encontram sobre os terrenos de caça. A sua configuração deve ser pouco mais ou menos a seguinte: Cabeça quadrada e fina com ventas largas e olhos vivos; pescoço comprido e direito; cernelha descarnada

e ao nivel da garupa que deve ser horizontal, forte e musculosa; espádoas obliquas, peito desenvolvido sem demasiada largura; bons aprumos; articulações largas e enxutas; a parte superior dos membros, desde os codilhos aos joelhos e das soldras aos curvilhões, mais comprida que as canellas; quartellas sobre o curto; cascos regulares de côr escura sem refegos nem palmicheos. Se a esta configuração se alliar um bom character e uma filiação resultante do cruzamento d'um garanhão de puro sangue e de uma egua de dois ou tres quartos de sangue, nada mais é preciso para que o *hunter* seja considerado de primeira ordem. Assim é que os *hunters* irlandezes são configurados, e é por isso que têm uma grande superioridade como cavallos de caça, de guerra e de sella, sobre os animaes seus congeneres.

Ainda que na Inglaterra as caçadas sejam, como pretendem dizer, mais um pretexto para que os *gentlemen* se dêem *rendez-vous* e um motivo para baterem os seus cavallos uns contra os outros, do que propriamente porque haja n'aquelle paiz grande vicio pela caça, o que não padece a menor duvida é que ellas têm concorrido immenso para a multiplicação e aperfeiçoamento do bom cavallo de sella. E tanto isto parece exacto que, segundo as ultimas estatisticas, não só n'aquelle paiz, como na Escossia e Irlanda, ha para cima de trinta mil *hunters* em serviço, não contando já se vê com os outros cavallos de sella, cujo numero é verdadeiramente extraordinario.

N'este numero não entram por certo os *cobs* e os *cover-hachs* que são em geral os cavallos que os inglezes mais utilisam; os primeiros, para os passeios, e os segundos, para se transportarem ao logar das caçadas e corridas.

Para que o leitor possa fazer uma tal ou qual idéa do que são as caçadas a cavallo n'aquelles tres paizes que formam o reino da Grã-Bretanha, bastará saber que o estado lhes dispensa toda a protecção, e que os dias em que ellas se realisam são para os povos das respectivas localidades verdadeiros dias de festa nacional. Todos, ricos, pobres, grandes e pequenos, sahem de suas casas e quer a pé quer montados nos seus *poneys* e burricos, vão para os pontos em que a caça tem por costume passar.

O entusiasmo por este genero de *sport* chega a ponto de se gastarem sommas fabulosas; e não só se vêem as pessoas ricas como as menos abastadas (estas abrem entre si subscrições) sustentar annualmente, além dos cães, cavallos, criados

e picadores, grande número de raposas e veados, que soltam ás suas matilhas desde que a caça começa a escassear.

Quando, por exemplo, em qualquer batida os caçadores apanham viva, embora horrivelmente estrancinhada pelos dentes da canzoada, qualquer peça de caça grossa, é logo engaiolada e enviada para uns ripados apropriados em que se lhê faz um tratamento em fórma. Se o animal arrija, a ponto de poder ser novamente corrido, é então preparado para a carreira como se fosse qualquer cavallo; mas, se não dá mostras de poder servir para novo divertimento, é dado em bôdo aos pobres, ou offerecido aos parques e jardins publicos para augmentar as suas collecções zoologicas.

Custa realmente a comprehender que um animal tão montezinho, como é uma raposa, possa ser levado a receber uma tal preparação; mas descrêr inteiramente d'este facto, como de tantos outros em identicas circumstancias, seria pôr em duvida a arte e sciencia com que o povo inglez, e isto constitue o seu grande apanagio, sabe modificar a natureza dos animaes e adequal-os aos seus serviços e prazeres.

Ainda que quizessemos informar o carissimo leitor sobre o modo de se obter uma tal preparação, não o poderiamos fazer; pois desconhecemos inteiramente os processos que põem em pratica aquelles nossos confrades d'além da Mancha.

As caçadas por que os inglezes têm maior predilecção são aquellas em que figuram como principaes protogonistas, a raposa e o veado. As lebradas não fazem alli grande furor, e tanto que os *gentlemen* não se apresentam a cavallo com fallos apropriados como quando acozzam aquelles outros animaes.

O vestuario de rigor, e sem o qual nenhum *sportsman* ousaria apresentar-se n'um *rendez-vous* de caça grossa ou n'uma corrida *à travers-champs*, compõe-se do classico frak encarnado de botões amarellos, chapéo alto, calção de casimira alvacenta, botas de canhão e esporas de correia. As luvas não estão actualmente em moda e o chicote apropriado, *stick*, costuma ser de cana da Índia sem trança e com o castão de ponta de veado.

Os picadores, isto é, os encarregados das equipagens de caça, cães, cavallos e direcção das caçadas, vestem por este mesmo figurino á excepção do chapéo alto, que é substituido por um boné de velludo preto. O seu chicote é igual ao que os *gentlemen* usam, tendo a mais a competente *trança*, que serve para castigar e encaminhar os cães quando assim se

torna necessario. Uma corneta de metal em fórma de trompa, posta a tiracollo, completa o vestuario do picador, que é sempre um homem de profissão.

Pelo que respeita ao arreio do cavallo de caça, consiste elle n'uma cabeçada munida de um simples bridão com dois pares de redeas, ou d'um *pelham*, bridão-freio, que tem sobre aquelle a vantagem das cambas e barbella, e portanto mais seguro para suster os cavallos, que se animam demasiadamente e tiram pela mão do cavalleiro. O sellim, bastante maior que de ordinario, para não magoar o animal, é bem estofado e munido do competente peitoral sem gamarra, que dificultaria os movimentos do cavallo no momento de fazer os saltos.

Assim apparelhado, bem preparado e bem montado, pôde o *hunter* de bom sangue, e sem grande inconveniente para a sua organização, tomar parte em duas a tres caçadas por semana durante toda uma época de caça. Assim é que os *gentlemen* inglezes utilizam os cavallos d'esta raça, e com tanta pericia o fazem que, apesar das rudes provas a que os submettem, durante quatro ou cinco mezes de um serviço aturado, raros são os animaes que se arruinam.

Se, apesar de já termos pisado o sólo inglez, nunca se nos proporcionou occasião de assistir a uma d'estas caçadas, em que o relincho dos cavallos das raças mais apuradas, o tropel de dezenas de cavalleiros vestidos a rigor, o som entre-rouco das trombetas, o latido dos cães e as aclamações dos espectadores, se confundem e echôam de planicie em planicie e de outeiro em outeiro, comprehendemos bem a que ponto chegará o enthusiasmo e prazer, não só d'aquelles que n'ellas tomam activamente parte, como das pessoas que as presenciavam.

As duas seguintes proezas que nos recordamos ter lido na *Science Hippique*, interessante obra do barão de Curnieu, tomo II, a pag. 146, darão ao leitor a medida da paixão que os inglezes têm por este genero de *sport*: O duque de Richmond, diz a citada obra, não obstante ser velho e gotoso e ser por isso preciso pôl-o a cavallo e metter-lhe as redeas debaixo dos braços, que elle mantinha encruzados sobre o peito, descia ao grande galope e com todo o ardor da mocidade umas collinas perto de Goodwood, que são as mais ingremes que imaginar se pôde.

Um outro *gentleman* de idade igualmente avançada, e cego d'ambos os olhos, que vivia no condado de Kildare, lança-

va o seu cavallo a galope como qualquer rapaz, acompanhando assim e com a maior intrepidez as matilhas por terrenos difficeis e cortados de toda a especie de obstaculos. Este *gentleman* septuagenario fazia-se simplesmente acompanhar d'um criado fiel, que o guiava no modo de levar o cavallo aos saltos, e que a cada obstaculo lhe gritava: uma barreira, uma valla, um muro, uma banquetta, um riacho, um salto a subir, um salto a descer, etc. De modo que, prevenido assim pelo criado que o seguia e devido, talvez, ao bom cavallo que montava, conseguiu este arrojado e singularissimo *sportsman* caçar annos e annos sem nunca dar um trambolhão. O *groom*, sem duvida menos cavalleiro ou mais mal montado que seu amo, é que apanhava de quando em quando o seu boléo, e desde então era o instincto do cavallo, a gritaria dos caçadores e o latido dos cães, que preveniam o bom velhote da proximidade de cada um dos obstaculos. Este homem morreu velhissimo, não dentro d'uma valla como se poderia esperar, mas... na sua propria e fofissima cama! O seu cavallo foi depois da sua morte adquirido por outro *sportsman* velho e igualmente cego!

Verdadeiros *tours de force*, não ha duvida, mas em perfeita harmonia com o prazer do *sport*, que os inglezes professam no mais elevado grau, e que, como o amor, não exclue idade nem condições.

O prazer, que os filhos da famosa Albion experimentam em fazer luctar os seus cavallos uns contra os outros, chega mesmo a ponto que tudo lhes serve de pretexto para levarem a cabo os seus desejos. E quando por exemplo não têm caça, isto é, quando é defezo, inventam-n'a; pois outra coisa não é correrem a cavallo atraz d'uma matilha, que segue de pegada um rastro ficticio formado d'uma pelle de lebre recheiada de sardinhas! Este simulacro de caçadas, que um *sportsman* prepara fazendo arrastar pelo chão qualquer coisa que fareje aos cães, e isto uma boa meia hora antes da partida dos caçadores, é por elles denominado *drag* e não deixa de ter tantos attractivos como as caçadas verdadeiras.

A um obsequiosissimo convite da colonia ingleza, residente no Porto, devemos nós o termos tomado parte n'uma d'estas caçadas, que em presença de innumerables espectadores, e no 1.º de novembro de 1869, se effectuou nas campinas que marginam o rio Leça, a nascente da ponte que divide esta villa e a de Mathosinhos; e em que, sobre a sella do nosso cavallo Dragão, tivemos a satisfação de acompanhar no meio de deze-

nove *sportsmen*, todos inglezes á excepção do nosso bom amigo João de Brito, e por terrenos cortados de trinta e tantos obstaculos, a matilha dos bem caçados *setters*, que corriam como se levassem aos narizes uma raposa ou um veado!

Lembra-nos bem e com saudade d'esse formoso dia, e não só porque a sorte nem um só momento nos desamparou, deixando que esse magnifico cavallo que acabamos de perder, batesse facilmente os seus dezenove competidores, mas porque muito nos penhoraram as finezas que a colonia ingleza, bem como os nossos compatriotas nos dispensaram.

Fallando aqui e por incidente n'esta corrida não temos em vista senão mostrar, não só o nosso reconhecimento para com aquelles cavalheiros, mas o sentimento que nos causa ainda aquelle ardentissimo animal, que tão bons momentos nos fez passar durante esses vinte annos, em que foi o nosso inseparavel companheiro no picadeiro, nas caçadas, nas corridas, nas festas olympicas e torneios equestres.

Seja-nos permitido dizer ainda, que esse intelligente animal, que morreu em 25 de novembro passado, na idade de vinte e cinco annos, foi o primeiro que em Portugal executou uma grande parte dos *ares* de alta escola — montado sem freio nem cabeçada.

Antes de entrarmos no capitulo seguinte, e em que trataremos da maneira de montar os cavallos destinados aos saltos, precisamos de dizer que não pudemos averiguar se em Portugal, além das caçadas reaes, que se faziam com certo esplendor, haveria por parte dos nossos antepassados alguma predilecção pelas caçadas a cavallo. É de crêr, porém, que alguma paixão tivessem por este *sport*, porque todos elles eram guerreiros e cavalleiros e as caçadas a cavallo foram e serão sempre o grande simulacro das batalhas. Da presente geração podemos nós dizer, sem receio que nos contradigam, que ninguem se dá a estes exercicios, não só porque a caça grossa, a unica que poderia servir de incentivo e despertar entusiasmo, tem desaparecido com a divisão da propriedade, mas porque em Portugal não ha fortunas nem gosto pelo cavallo, nem tão pouco pelos exercicios em que este nobilissimo animal é chamado a tomar parte.

A Inglaterra, que é um paiz adiantadissimo a todos os respeitos, faz n'este ponto como em muitos outros um verdadeiro contraste com Portugal. Alli não só ha numerosissimas fortunas e uma verdadeira paixão pelo cavallo e por tudo que lhe diz respeito, como se encontram por toda a parte, e em gran-

de quantidade, raposas, lebres, veados, etc., por isso que as propriedades, além de não estarem retalhadas como entre nós, são em grande parte arrendadas com a condição dos rendeiros favorecerem a criação da caça, que de per si só constitue uma das principaes rendas, que os caseiros pagam aos senhores.

Guimarães — Dezembro de 1888.

J. MARTINS DE QUEIROZ.